



EDIÇÃO BILÍNGUE  BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões de qualidade

Crónica de Carlos Castilho Pais

Passatempo

Tradumática

Impressões de viagem

Quality issues

Chronicle by Carlos Castilho Pais

For fun

Tradumatics

Travel musings



3

Contra a Corrente 🌿 Against the Current

Que 2010 seja, realmente, um ano NOVO!

We are left to hope that 2010 will really be a NEW year!

4

Questões de Qualidade 🌿 Quality Issues

PARABÉNS À VENCEDORA DO PRÉMIO DE QUALIDADE PHILOS 2009!

CONGRATULATIONS TO THE 2009 PHILOS QUALITY AWARD WINNER!

5

“... da Ocidental praia lusitana” 🌿 “... from the Western Lusitanian shore”

Voe até ao Porto e escreva uma sinfonia

Fly to Porto and write a symphony

6

Em português 🌿 In portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais

Chronicle by Carlos Castilho Pais

7

Gosta de flores? 🌿 Are you a flower fan?

A ave-do-paráíso

The Bird of Paradise flower

8

Passatempo 🌿 For Fun

Foi célebre navegador...

He was a celebrated navigator...

9

Crónica das Leiras 🌿 Leiras' farm chronicle

Acho que tive um sonho

I think I had a dream

10

Biblioteca 🌿 Library

(Re)leituras :: (Re)reading - *Contos do Carvalho* :: *Short stories by Carvalho*

Poemas de Vida :: Lifetime Poems - *A Lei de Lavoisier com Tango* :: *The Law of Lavoisier with Tango*

11

Daqui houve nome Portugal 🌿 From here Portugal got its name

Uma crónica perdida pelo caminho

A column lost along the way

12

Tradumática 🌿 Tradumatics

Concatenar

Concatenate

13

Artes 🌿 Arts

Micro Audio Waves & Tebas

14

Impressões de Viagem 🌿 Travel Musings

BARI – em pose de guarda a São Nicolau

BARI – posing as guardians of Saint Nicholas





1 & 4 - Bari; 2 - Porto; 3 - Alberobello (Apulia)

Dentro de poucos dias, vamos despedir-nos de 2009. Desta vez, cremos que sem saudades. A profunda crise mundial que atravessamos ainda, a poucos de nós terá deixado indiferentes, ou mesmo incólumes. A quantidade de empresas que ainda vão fechando portas e / ou acrescentando milhões ao desemprego galopante a que temos assistido nos últimos anos, é um factor preocupante que a maioria dos governantes mundiais parece incapaz de resolver. Pelo contrário, a forma como se vão desenvolvendo as “saídas da crise” parecem apontar no sentido de que o mundo pouco ou nada terá aprendido com os estrondosos falhanços recentes e que se prepara para, alegremente, prosseguir o mesmo trilho até ao próximo abismo – que pode ser trágico e definitivo.

A cimeira de Copenhaga que tem lugar no momento em que escrevemos estas linhas pretende apontar novos e urgentes caminhos e parece ser, ainda, uma esperança - será? - para que o mundo tome consciência da realidade complexa em que se encontra e de que o tempo para a mudança é já escasso.

Se permanecermos, de braços cruzados, à espera que a solução venha unicamente daqueles que detêm o poder, arriscamo-nos a acordar demasiado tarde. É a partir de cada um de nós, individualmente, que terão de construir-se as soluções para a saída duma crise que não é só económica ou financeira, mas que é, sobretudo, uma crise de mentalidades.

Resta-nos, pois, desejar que 2010 seja, realmente, um Ano NOVO!



magazinephilos

EDITORES :: EDITORS
Margarida Fonseca e Silva
Sílvio Oliveira

TEXTOS :: TEXTS
philos

COLABORAÇÃO ESPECIAL :: SPECIAL COLLABORATION
Carlos Castilho Pais

VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION
Thomas Kundert

DESIGN
Vitor Silva

FOTOGRAFIA :: PHOTOS
philos

PUBLICAÇÃO :: PUBLISHER
philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT

In a few days we will be waving goodbye to 2009. This time, I believe quite happy to see the back of it. The profound worldwide crisis we are still going through has left few of us indifferent or unscathed. The number of companies that are still closing down and/or are adding millions more to the galloping unemployment figures we have witnessed in recent years is a worrying factor that most of the world’s governments seem unable to solve. In contrast, the way they are devising “outlets from the crisis” seems to point towards a world that has learned little or nothing from its calamitous recent failings and which is happily preparing to go down the same road until the next abyss – which could be tragic and definitive.

The Copenhagen conference that is taking place as I write these lines intends to point new and urgent ways and seems to be a vestige of hope. Is it? The world must realise the complex situation it is faced with and that the time to change things is running out.

If we stay sitting down waiting for a solution to come solely from those who hold power, we run the risk of waking up too late. It is up to each individual to come up with the solutions that will take us out of a crisis that is not only economic and financial, but which is above all a crisis of mentalities.

We are left to hope that 2010 will really be a NEW year! ■

Sílvio Oliveira

Sócio Gerente :: General Manager

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, isenta de publicidade, é exclusivamente electrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.



This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

No publicity included.

Prémio de Qualidade Philos 2009

2009 Philos Quality Award



Como vem acontecendo desde 2007, a Philos volta a atribuir em 2009 o seu **Prémio de Qualidade**. Trata-se de um prémio destinado aos tradutores externos que, no final de cada ano, obtenham a melhor classificação em análise conjunta da Direcção de Qualidade e da Gestão de Projectos da Philos, tendo em conta os critérios já publicados. O prémio tem características idênticas ao Prémio de Desempenho já em vigor na Philos desde a fundação da empresa, que é atribuído anualmente a todos os colaboradores internos, nos termos das normas aplicáveis.

A medição dos parâmetros em causa é feita através do sistema de qualidade implementado pela Philos, que tem vindo a ser continuamente desenvolvido e aperfeiçoado em consonância com as práticas mais avançadas do mercado internacional da indústria de localização, permitindo-nos medir com rigor parâmetros de qualidade correspondentes às mais elevadas exigências dos clientes. Os dados são apurados automaticamente através do Sistema Informático de Gestão da Philos.

Em 2009, a vencedora é uma das mais antigas colaboradoras externas da Philos que, dentro dos importantes volumes de trabalho realizados neste ano, apresentou um índice excelente de pontuações nas diversas componentes, que a seguir detalhamos.

Valor do prémio 2009: 750 Euros

Vencedor do prémio: tradutora externa da Philos nº 010

Volume de trabalho realizado: superior a 1/2 milhão de palavras

Nível de complexidade: de elevado a muito elevado

Percentagem de avaliações negativas: 3,2%

Pontuação obtida (de 1 a 5): 5	
Qualidade dos trabalhos efectuados	5,00
Cumprimento de prazos	5,00
Espírito de colaboração	5,00
Capacidade de resolução de problemas	5,00
Observância das normas da Philos	5,00
Média Geral: 5,00 para uma pontuação ideal de 5,00.	

Apesar da situação de crise internacional que, inevitavelmente, afectou também a Philos em 2009, não quisemos deixar de manter a atribuição deste Prémio de Qualidade que esperamos seja considerado como um incentivo ao aperfeiçoamento constante de todos os nossos colaboradores externos. Como é do conhecimento dos nossos principais colaboradores, a Philos tem em curso alguns projectos de clientes ao mais elevado nível de exigência de padrões de qualidade, pelo que esperamos o melhor esforço e empenhamento de todos, no sentido de correspondermos aos padrões exigidos e podermos, no próximo ano, ter um leque mais alargado de candidatos a vencedores do nosso Prémio de Qualidade.

PARABÉNS À VENCEDORA DO PRÉMIO DE QUALIDADE PHILOS 2009!

O NOSSO OBRIGADO A TODOS OS QUE SOUBERAM COMPREENDER E RETRIBUIR OS ESFORÇOS DA PHILOS EM PROL DA QUALIDADE.



As has happened since 2007, Philos will again attribute its **Quality Award** in 2009. The awards shall be given to the external and freelance translators who, at the end of each year, have obtained the best classification in a year-end analysis carried out jointly by Philos' Quality and Project Management Departments, based on the criteria published in the meantime. This award is identical in nature to the Performance Award that has been in force since the company was founded and that is given annually to all in-house staff, in accordance with applicable regulations.

The criteria in question are measured through Philos' quality system which has been continually developed and improved in line with the most advanced international localisation industry market practices, allowing us to accurately measure quality parameters that meet our clients' most demanding requirements. All data are obtained through Philos' Management Information System.

In 2009, the winner is one of Philos' longest-serving external translators who, as well as getting through a high volume of work this year, returned excellent points score in the different quality categories, as outlined below.

2009 Award Value: 750 Euros

Award Winner: Philos external translator nº 010

Work volume completed: over half a million words

Complexity Level: High/Very High

No Pass percentage: 3.2%

Scores (1 to 5) obtained: 5	
Work quality	5.00
Compliance with deadlines	5.00
Co-operation	5.00
Problem solving capacity	5.00
Compliance with Philos' standards	5.00
Average score: 5.00 out of maximum possible of 5.00.	

Despite the international crisis that inevitably also affected Philos in 2009, we did not want to drop the attribution of this **Quality Award** that we hope will act as an incentive towards the constant striving for perfection of all our external translators.

As our major external teams very well know, Philos is now in charge of important projects from high profile clients, with very strict quality standards' requirements; therefore, we expect our teams to be able to respond with their greatest commitment in order to meet high quality expectations and enable us to deliver the 2010 **Philos Quality Award** to an enlarged number of candidates.

CONGRATULATIONS TO THE 2009 **PHILOS QUALITY AWARD** WINNER!

THANKS TO ALL OF YOU WHO HAVE UNDERSTOOD AND RECIPROCATED **PHILOS' EFFORTS FOR IMPROVED QUALITY!**



Porto



* Luís de Camões (1524-1580)

A sua incomparável riqueza histórica é, ainda hoje, preservada nos monumentos, nas ruas, mas, sobretudo: no carácter, força e hospitalidade das suas gentes.

Descobrir o Porto é embarcar numa viagem que nos transporta às origens de Portugal, ao romantismo de outras épocas e a sabores que nos deixam inebriados pela riqueza de uma gastronomia ímpar.

O mar, o rio, as pontes, as caves do Vinho do Porto são cartões de visita de uma cidade que é Património Mundial. Mas, estes cartões são apenas algumas notas duma melodia que uma vez tocada ficará para sempre no ouvido. Quem visita o Porto diz que é uma cidade diferente, inesquecível. Uma cidade cheia de notas soltas que, bem compiladas, resultam numa sinfonia despertadora de todos os sentidos.

O Porto pode ser percorrido de várias formas: desde o eléctrico aos passeios de barco (que até nos podem levar à região do Douro) ou, e porque não, visitá-lo do ar. Não será por acaso que os pilotos da Fórmula 1 dos ares consideraram o Porto como umas das “pistas” mais bonitas para se voar.

Voe até ao Porto e escreva uma sinfonia – as notas estão cá, à sua espera.



Its incomparable historical wealth is, still today, preserved in the monuments, streets, but above all else: in the character, strength and hospitality of its people.

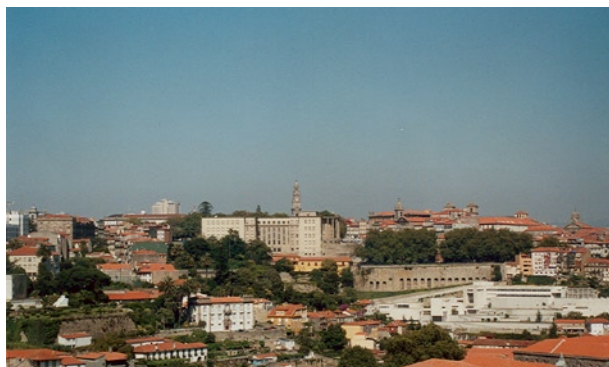
Discovering Porto is to embark on a journey that transports us to the origins of Portugal, to the Romanticism of other epochs and to the tastes that leave us inebriated by the

richness of an unparalleled gastronomy.

The sea, the river, the bridges, the Port Wine cellars are calling cards of a city that is classified as a World Heritage site. But these calling cards represent just some notes of a melody that when played remains always in one’s ears. Whoever visits Porto says that it is a different, unforgettable city. A city full of loose notes which, cleverly compiled, result in a symphony that arouses all the senses.

Porto can be travelled around in several ways: from the tram ride to a boat trip (which can even take us to the whole of the Douro region) or, why not, a visit by air. It is not by chance that the Formula 1 of the skies considers Porto one of the most stunning “tracks” to fly over.

Fly to Porto and write a symphony – the notes are here, waiting for you. ■



Em português In portuguese

Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]



S. Jerónimo, patrono dos tradutores
St Jerome, patron saint of translators

Em final de ano, a aproximar-se a passos largos – e parece que esta sina é cada vez mais rápida – devíamos dedicar algum tempo à reflexão sobre o sentido das coisas, do que fazemos, da nossa vida no mundo. Incluir aí a tradução, por quem faz dela uma profissão, a qualquer título, não será coisa difícil.

A dificuldade, no que à tradução diz respeito, estará em escolher um tema que possa, nesta época, sobrepor-se a todos os outros, aquele tema que fosse o nosso ‘sentido das coisas’, aquele tema que nos revelasse. Seria a língua. A nossa. A de cada um. A materna, claro. Seria a cultura. A minha, respeitadora. Seria o texto, aquele que está ali e quer chegar ao outro como se o outro lhe faltasse – o outro texto e o outro leitor – para que o seu desígnio de fala e de mensagem se cumpra. Seria ainda aquele texto, manuscrito, dito ‘técnico’, designação que o arruma na prateleira das coisas menores, mas que não pode deixar de ser incluído na comunicação humana, a de hoje, a nossa. Seria a ilustre galeria dos tradutores, galeria de santos, de príncipes, de gente que passou pela vida quase anónima, de traidores, também. E a lista poderia continuar.

E nós, aqui, teríamos ainda que escolher um tema do agrado dos nossos leitores que, como sabemos, não se encontram todos do mesmo lado da fronteira. Um tema que agradasse aos chamados ‘clientes’ da tradução, mas também àqueles que a produzem, poderia ser, nesta época, a reflexão disciplinar em torno da tradução. Não acontece muitas vezes termos este tipo de reflexão. Que ele aconteça pelo menos agora. Será esta, então, a reflexão sobre o sentido das coisas? Será, assim, tão fulcral? Em primeiro lugar, analisemos o lado do ‘cliente’. Saber que a tradução se estuda e se ensina, que constitui um ‘corpo de saber’ como qualquer disciplina, que possui métodos para o estudo do seu objecto, etc., não pode ser, de modo algum, indiferente. A existência de uma disciplina será sempre uma garantia de um trabalho melhor. Por sua vez, o tradutor poderá fundamentar melhor as suas opções e sabe que, em qualquer momento, pode recorrer a bagagens que fizeram caminho, o que não pode deixar de outorgar uma certa segurança ou ser factor de valorização da auto-estima.

É evidente que sobre o tema mais não poderemos dizer. Colocá-lo aqui, enunciá-lo e conduzi-lo a quem nunca pensou que ele pudesse existir é pouco, certamente. Mas que ele pode dar sentido a muita coisa, disso não tenho dúvida. De resto, a questão da disciplina autónoma da tradução não é questão de agora. Já no início do século XIX o filósofo alemão Schleiermacher a solicitava e no século XX lhe chamaram de ‘tradutologia’ ou de ‘estudos de tradução’. Por alguma razão foi. Por uma razão menor não foi de certeza.

At the end of the year, which is rapidly drawing to a close – and it seems that every year nears its end even faster – we should dedicate some time to reflect on the meaning of things, what we are doing, our life in the world. Including translation, which for those who have made it their profession, is not a difficult thing to do.

The difficulty, with regard to translation, is choosing a topic that can, at this time of year, overlap all the others, the topic that for us ‘makes sense of things’, the topic that unveils us. Could it be language. Ours. The language of each individual. The mother tongue, of course. Could it be culture. Mine, respectful. Could it be text, which is looking at us and is waiting to be turned into another as if the other text was its missing pair – the other text and the other reader – so that its desire to speak and transmit a message is fulfilled. Could it even be the text, handwritten, so-called ‘technical’, with a name that consigns it to the shelf of things of lesser importance, but which should not be excluded in the human communication, of today, ours. Could it be the illustrious gallery of translators, gallery of saints, princes, people who have gone through life almost anonymous, of traitors, also. And the list could go on and on.

And we, here, would also have to choose a topic that pleased our readers who, as we know, are not all on the same side of the border. A topic that could please the so-called ‘client’ of translation, but also those who produce it, can be, in this season, the subject of reflection concerning translation. It is not often that we carry out this kind of reflection. May it happen, at least at this time. Should this be, therefore, the reflection about the meaning of things? Is it really such a crucial aspect? In the first place, we shall analyse the side of the ‘client’. Realising that translation has to be studied and taught, and constitutes a ‘body of knowledge’ just like any other discipline, having methods to study its object, etc, cannot be, under any circumstances, a neglected issue. The existence of a discipline will necessarily always be a guarantee of higher quality work. In turn, the translators can better justify their options and know that, at any moment, they can make use of the baggage they have acquired along the way, which will certainly endow them with greater security and self-esteem.

It is obvious that we cannot say more on the topic. Bringing it up here, announcing it and taking it to those who never thought it could exist is a small contribution, for sure. But it can give meaning to so many things, I have absolutely no doubt. Indeed, the question of the autonomous discipline of translation is not a recent issue. At the start of the 19th century the German philosopher Schleiermacher discussed it and in the 20th century they labelled it ‘traductology’ or ‘translation studies’. There was certainly a reason for this. And it certainly was not an insignificant reason. ■



Gosta de flores?

Are you a flower fan?



De seu nome científico “*Strelitzia reginae* Ait”, pertence à família das Musáceas e é parente próxima da helicônia e da bananeira.

É também conhecida como Ave-do-paráíso, pela forma e coloração azul e laranja das suas artísticas flores que fazem lembrar a cabeça da ave tropical do mesmo nome.

Originária da África Austral, foi trazida para a Europa no século XVIII, tornando-se muito apreciada pelo seu extraordinário efeito decorativo. É um dos “ícones” da Ilha da Madeira, onde fotografámos os exemplares que hoje aqui vos trazemos.

A estrelícia apresenta uma folhagem exuberante, de coloração verde-escuro, que contrasta com as nervuras centrais das folhas, de tom avermelhado. As flores, delicado trabalho artístico da natureza, são protegidas por uma bráctea de 20 cm de comprimento, em forma de barco, de cor verde, por vezes com tons de roxo ou vermelho, da qual emerge uma sucessão de flores semelhantes à crista de uma ave. Cada flor é composta de sépalas em cor-de-laranja vivo com pétalas em azul-escuro ou roxo.

Ao ver estas exóticas e belíssimas “aves-do-paráíso”, na verdade, diríamos que apenas lhes falta ... voar!

With the scientific name of *Strelitzia reginae* Ait, it belongs to the *Musaceae* family and is a close relation to the Heliconia and Banana Tree.

It is also known as the Bird of Paradise flower because of its artistic blue and orange flowers that resemble the head of the tropical bird of the same name.

Originating from Southern Africa, it was brought to Europe in the 18th century, and was much appreciated due to its remarkable decorative beauty. It is one of the “icons” of the Island of Madeira, where we photographed the samples that we bring you today.

The strelitzia has exuberant dark green leafage, which contrasts with the central vein of the leaves, which is reddish in colour. The flowers, a perfect example of the delicate artistry of nature, are protected by a 20 cm long bract, in the form of a boat, which is green and at times has a purple or red hue to it, from which emerges a succession of flowers similar to the crest of a bird. Each flower comprises strident orange sepals with dark blue or purple petals.

Looking at these exotic and wonderful “birds of paradise” we can truly say that the only thing lacking is for them to take flight! ■

Estrelícia Strelitzia



Passatempo For FUN

Temos ofertas para as 3 primeiras respostas certas!

Nota: a participação está vedada aos colaboradores internos da Philos e seus familiares.

We have gifts for the first 3 people to send in correct answers!

Note: Philos' in-house team and their family members are not allowed to participate.

Foi um célebre navegador - e mais não podemos dizer! Se sabe quem é e qual a cidade onde se encontra esta sua estátua...



He was a celebrated navigator – and we can't say any more! If you know who it is and what city this statue can be found in... ■



Edição anterior Last Issue

Os nossos leitores do sul de França, desta vez, estavam mesmo distraídos! É em Antibes, cidade outrora procurada por intelectuais e artistas... como Picasso, que redecorou com a sua inspirada paleta grande parte do Museu onde podemos admirar este terraço de sonho debruçado sobre o mar. Construído sobre as fundações da antiga acrópole grega de Antipolis, o antigo *Château Grimaldi* é hoje conhecido como Museu Picasso, expondo grande número das suas obras.



Our readers from the south of France were not quite so on the ball this time! It is in Antibes, a city sought out in bygone times by intellectuals and artists... such as Picasso, who redecorated most of the Museum with his inspired palette where we can admire this dreamlike veranda overlooking the sea. Built on the foundations of the ancient acropolis of Antipolis, the former *Château Grimaldi* is today known as the Picasso Museum, displaying a considerable number of his works. ■



Acho que tive um sonho

I think I had a dream



Dom Biralbo da Porta do Olival



Não sei se já vos disse, mas de vez em quando tenho que fazer umas viagens dentro duma coisa de quatro rodas que anda muito depressa e, embora faça quentinho lá dentro, vejo-me aflito para encontrar um recanto onde consiga dormir descansado enquanto não chegamos ao destino. E o destino é, normalmente, um sítio barulhento, cheio de objectos a andar sobre rodas, em filas compridas, e que tem um cheiro pouco agradável. Dizem os meus donos que é a cidade.

Fomos, pois, à cidade, um dia destes e... só vos digo, que confusão! Havia árvores por todo o lado, mas não como as daqui das Leiras, antes umas coisas esquisitas cheias de bolas coloridas, luzes a acender e apagar, cheias de laçarotes que até me apetecia puxar... e, sobretudo, uns humanos vestidos de vermelho, com um capuz e umas barbas brancas e compridas que me deixaram muito assustado. Tanto, que depois, já muito enroscadinho no meu sofá, acho que tive um sonho. Não é que um dos tais senhores vermelhos de barbas brancas e capuz veio sentar-se ao meu lado e começou a falar a minha língua? Disse-me logo para não me assustar, pois ele ia explicar-me tudo o que eu queria saber.

Contou-me então que os humanos comemoram agora umas festas de Inverno: parece que lá muito antigamente, quando ainda não havia ciência e os humanos não sabiam muito bem como é que o sol aparecia e desaparecia, tinham medo que, no Inverno, ele não voltasse mais, e, por isso, faziam grandes festas para invocar o regresso do sol. Houve até uns tais romanos que inventaram um deus para a agricultura, chamavam-lhe Saturno, e baptizaram as festas de Saturnais.

Também me contou que estas árvores enfeitadas que aparecem por todo o lado nesta altura, assim como as coroas e o azevinho, já eram usadas nas festas pelos humanos druidas das terras do Norte, por serem plantas de folha perene, que lhes davam a esperança de que nem todas as árvores morressem com o Inverno.

Mas então - perguntei eu - agora os humanos já não desvendaram

os segredos da agricultura? - e lembrei-me das hortas que vi os meus donos plantarem, onde deitaram à terra uns grãos que, logo passado uma semana, começaram a erguer umas plantas muito verdinhas e cheias de folhas.

O humano vestido de vermelho disse-me que sim, sim, os humanos já desvendaram muitos segredos, tanto da terra, como dos astros, como de si próprios... Mas, ao que parece, continuam a ter medo de qualquer coisa que não sabem, ou preferem não saber, porque, já dizia um tal Homero que *todos os humanos necessitam de deuses*. Ora - aventurei-me eu a dizer - se os deuses são para fazer festas onde, pelos vistos, também se comem coisas muito boas, é muito natural que os humanos acreditem neles... Mas, aí é que a coisa se complicou: por causa dos deuses - disse-me o humano de barbas brancas - os homens não fazem apenas festas, não... fazem, sobretudo, muitas guerras e - vejam lá o que ele me disse - até se torturam e matam uns aos outros!

Não sei se tudo isto foi um sonho... mas se é verdade, ainda bem que nós, os da minha espécie, não necessitamos de deuses! Afinal, os humanos é que são *Sapiens*...

I can't remember if I've already told you this, but from time to time I have to go on a journey inside something with four wheels, that travels very fast, and although it's nice and warm inside, I find it difficult to find a snug corner where I can sleep restfully until we reach our destination. And the destination is, usually, a noisy place, full of objects that move on wheels, with long queues, and which has an unpleasant smell. My masters say it is the city.

Well, we went to the city one of these days and... I have to tell you, what a commotion! There were trees everywhere, but not like here in Leiras. They were strange shapes, full of coloured balls, lights flashing on and off, wrapped in ribbons that I felt like pulling... and, above all else, there were humans dressed in red, wearing a hood and sporting a long white beard that gave me a real fright. So much so that, afterwards, all rolled up on my sofa, I think I had a dream. Would you believe one of these men in red with a white beard and hood came and sat down next to me and started talking my language? He told me right off not to be afraid, as he would explain everything I wanted to know.

So he told me that humans now commemorate some festivals in winter: it seems that a long time ago, when science did not yet exist and humans did not really understand how the sun appeared and disappeared, they were afraid that, in winter, it would never come again, and so they organised big festivals to invoke the return of the sun. There were even some people called Romans who invented a god for agriculture, and called it Saturn, and baptised the festivals the Saturn festivals.

He also told me that these decorated trees that are all over the place at this time of year, as well as the crowns and the holly, were used in the festivals by the Druid humans from the northern lands, as they were evergreen plants, which always gave them hope that not all the trees would die in the winter.

But, I asked him, haven't humans now discovered all the secrets of agriculture? I remember seeing vegetable plots where my masters put some grains into the ground, and just one week later lush green plants full of leaves started to appear.

The human dressed in red told me that yes, humans have discovered a lot of secrets, about the earth and the stars and themselves... But, it seems, they are still afraid of something they do not know, or prefer not to know, because, as a guy called Homer said a long time ago *all humans need Gods*. Well, I ventured to say, if the Gods serve to organise festivals where, by the looks of it, very good things are eaten, it is very natural that the humans believe in them... But, that is where things get complicated: because of the Gods - the human with a white beard told me - men do not only organise festivals, no... they above all go to war and, listen to what he told me next, they even torture and kill one another!

I don't know if all of this was a dream... but if it's the truth, just as well that we, those of my species, do not need Gods! After all, it is the humans who are *Sapiens*... ■

* The name of the farm "Leiras" refers to the terraced lands that are very typical in the North of Portugal.



JOSÉ ALBERTO OLIVEIRA*

A Lei de Lavoisier com Tango

Nada se perde:
nem um grão de sal
no grande Mar Atlântico,
nem mesmo
as que caem no chão,
nem as frases
que a actriz esqueceu
e saltou.
Tudo fica registado
e obra consequência:
se o registo é inalcançável,
as consequências são fortuitas;
por isso, amar-se-á
o próximo
como a si mesmo,
ou, se não for possível,
pelo menos
dançar-se-á com ele
um tango argentino.

(Nada de tão importante, que não possa ser dito – 2007)



The Law of Lavoisier with Tango

Nothing is lost:
not even a grain of salt
in the great Atlantic Sea,
not even
those that fall on the floor,
not even the lines
that the actress forgot
and skipped.
Everything is registered
and is consequently work:
if the register is unattainable,
the consequences are fortuitous;
hence, love
your neighbour
as if yourself,
or, if it is not possible,
at least
dance with him
an Argentine tango.

(Nothing so important, that it may not be uttered – 2007)

* José Alberto Oliveira nasceu em Souto da Casa (Fundão) em 1952. Médico de formação, publicou a sua primeira obra, *Por alguns dias*, em 1992. Desde então, tem vindo a criar uma obra de cunho bem pessoal, conseguindo conjugar um lirismo moderado, reminiscência do sentimento próprio dos poetas lusos, com a aproximação a temas e imagens do quotidiano, mais banal, influência da poesia anglo-saxónica. José Alberto Oliveira was born in Souto da Casa (Fundão) in 1952. A trained doctor, he published his first work, *Por alguns dias* (For some days), in 1992. Since then he has compiled a body of work with an extremely marked personal style, managing to combine a moderate lyricism, a reminiscence of the sentiment typical of Portuguese poets, with the integration of topics and images of the day-to-day and the banal, influenced by English language poetry.

Contos

Short Stories

ÁLVARO DO CARVALHAL

Eis que chegou Dezembro, o mês em que os termómetros gelam, mas os espíritos se vão aquecendo, pelo menos os daqueles que se contam entre os felizardos do mundo. Por esta altura, multidões procuram encontrar o presente certo para cada um dos que pertencem ao seu círculo íntimo. Entre tantas opções, conta-se, como não podia deixar de ser, o *livro*.

Uma das obras mais “tradicionais” da quadra são os *Contos de Natal*, de Charles Dickens. Para variar um pouco, há um par de anos saltou para os escaparates uma colectânea, *Outros belos Contos de Natal*, em que a época natalícia nos aparece representada através da veia humorística dos autores convidados. Para variar ainda mais (talvez para desenfatiar um pouco, confessamos), o que propomos nesta edição são os *Contos* do Carvalho, Álvaro do Carvalho.

Estes seis contos, durante muito tempo “esquecidos”, representam a curta totalidade da obra ficcional deste autor precocemente falecido. Cheios de preciosismos linguísticos (a propósito, recomendamos que esteja munido de um bom dicionário), de sentimentos excessivos, mas também de humor negro, de alfinetadas irónicas nos balões inchados da mentalidade portuguesa, em particular dos que fazem da política profissão, são uma das experiências mais originais do (ultra-)romantismo português, até pelo género *fantástico* em que se inserem.



December is upon us, the month when the thermometers plummet, but our spirits are warmed, at least for the fortunate souls of the world. It is at this time that multitudes go in search of the right present for each individual in their circle of intimacy. Among so many options, the *book* is a ubiquitous choice.

One of the most “traditional” books of the season is the *A Christmas Carol*, by Charles Dickens. For something of a change, a couple of years ago a collection made its way to the bookshops’ shelves entitled *Outros belos Contos de Natal* (Other beautiful Christmas Carols), in which the Christmas season is depicted through the humorous words of invited authors. For an even bigger change (perhaps to whet the appetite, we confess), what we suggest this time round are the *Short Stories* by Carvalho, Álvaro do Carvalho.

These six short stories, which lay “forgotten” for a long time, comprise the entirety of the fictional work of an author who died before his time. Replete with linguistic gems (on that point, we recommend you have a good dictionary at hand), excessive sentiments, but also black humour, with cutting ironies that pierce the swelled balloons of the Portuguese mentality, in particular those who make politics their career. Reading this work is one of the most original experiences of Portuguese (ultra-)Romanticism, as much as anything because of the *fantastic* genre they fall into.

Note: we apologise to those who, in reading this Magazine, do not do so in the tongue of Camões. As far as we know these *Short Stories* are only published in Portuguese. ■



Graffiti - Rue de Mouffetard - Paris

Uma crónica perdida pelo caminho... A column lost along the way...



Nelson Loureiro



Como já se devem ter apercebido, sofro de um mal terrível, que é ter um espírito erradio, incapaz de permanecer nos trilhos da linearidade do tempo e do espaço, incapaz de seguir a direito pela história desta cidade incrustada no granito, das origens à actualidade, sem me desviar pelo meio, voltar atrás para observar com mais atenção um qualquer pormenor que, fugaz, me havia passado pelo primeiro olhar. Considerando bem, comecei logo às avessas, saltando do século XIX para as origens da nacionalidade...

Talvez este “defeito” de carácter se deva à influência da própria cidade, mesmo que tenha nascido fora dela. Mas é impossível viver juntinho ao Porto e não ser seduzido pelo seu perfume, ao mesmo tempo burguês e com reminiscências rústicas, inovador e agarrado às suas tradições, aos seus trilhos desordenados de ruas, ruelas e caminhos. Como, por exemplo, os, hoje em dia, chamados *Caminhos do Romântico*, percursos empedrados que desaconselham saltos altos e passos demasiado lestos, sobretudo nos dias mais chuvosos, e que nos conduzem até algumas das mais belas casas da cidade, bem como das mais belas vistas sobre o rio Douro.

Já quem prefere locais mais escusos, menos dados a vistas largas, pode sempre deambular, de preferência bem acompanhado, pelos espaços ajardinados dispersos um pouco por toda a cidade, e dos quais o *Jardim Botânico* e, sobretudo, os *Jardins do Palácio* serão os mais afamados.

Pessoalmente, prefiro as altas horas nocturnas, quando toda a cidade parece dormir, para me “perder” nas ruas da Baixa e do Centro Histórico, mormente naquelas noites em que um denso nevoeiro subindo do rio a parece cobrir de silêncio. Sem trajectos pré-definidos, sem espaços limitados, apenas ruas mal iluminadas e a vontade de caminhar, consegue-se sentir, a passo e passo, o pulsar das pedras escuras com que se construiu grande parte desta urbe. Um pétreo sussurro que nos diz que esta cidade não tem monumentos, ela é um monumento à vontade dos homens que a edificaram; que nos faz perceber que isso de cronologias, afinal, não é assim tão importante.

Depois, de manhã, quando o nevoeiro é lentamente substituído pelos raios de sol trazidos de leste pelas curvas durienses, há ainda tempo para perceber que gastei este espaço a falar de mim, e que se me escapou uma crónica que deveria ser sobre o Porto...

As you will have realised by now, I suffer from a terrible habit of having a roaming spirit, incapable of staying on the same lines of time and space, unable to steer a straight route through the history of this city encrusted in granite, from its origins until today’s time, without deviating along the way, going back on myself to take a deeper look at some detail which fleetingly passed me by upon my first glance. Thinking about it, I began the wrong way round, jumping from the 19th century to the origins of our nationality...

Maybe this character “defect” is down to the influence of the city itself, even though I was born outside it. But it is impossible to live near Porto and not be seduced by its perfume; at the same time bourgeoisie and containing rustic remnants, innovative yet gripping to its traditions, the disordered meanderings of its streets, alleys and trails. Such as what today are called *Caminhos do Romântico* (Romantic Trails), stone layered roads that warn against high jumps or quick steps, especially on rainy days, and which lead us to some of the most beautiful houses of the city, and the most beautiful views overlooking the River Douro.

For those who prefer more retreated places, out of view of the hoards, a stroll, preferably in good company, through some of the many green areas speckled across the city is sure to be appreciated, of which the *Botanical Garden* and particularly the *Palace Gardens* are the most well-known.

Personally, I prefer the small hours of the night, when the whole city seems to be asleep, to “lose” myself in the streets of the Downtown and the Historical Centre, especially those nights when a dense mist sidles up the river and seems a blanket of silence. Without predefined routes, without delimited paths, just poorly lit streets and a desire to walk, one feels, step by step, the pulse of the dark stones that were used to build most of this town. A whispering stone that tells us this city does not have monuments, it is a monument to the will of the men who built it; which makes us realise that this business of chronology, at the end of the day, is not such an important thing.

Afterwards, in the morning, when the mist is slowly replaced by the rays of sun brought from the east along the Douro bends, there is still time to understand that I filled this space speaking about myself, and I forgot to write the column that should have been about Porto... ■

* The name Portugal is said to be derived from *Portus-Calem*, the name given by the ancient Romans to the city of Oporto.

Concatenar

Concatenate

O resultado é, nem mais, nem menos, um perfeito segmento pronto para ser colocado numa TM.
The result is nothing more nothing less than a perfect segment ready to place in a TM.



Vitor Silva

Concatenar é sinónimo de um auxílio precioso para quem, de uma forma expedita, pretende juntar diferentes conjuntos de caracteres. Esta descrição poderá parecer estranha, mas se pensarmos em situações práticas em que nos daria jeito juntar, por exemplo, dois blocos de texto, começa a projectar-se algo que poderá ser bastante útil.

Nesta edição do nosso magazine vamos falar de uma função do Excel que, para aqueles que a desconhecem, se vai revelar uma função de extrema utilidade: Concatenar.

E o que faz? É simples, como o próprio nome indica: junta. E o que pode isso ter de interessante para um tradutor? Também é simples, ajuda-o a ser ágil, a munir-se de ferramentas que lhe permitam construir referências sem grande esforço e dispêndio de tempo.

Tomemos como exemplo um documento que é fornecido em Idiom (ou até poderia ser em Excel) onde temos a coluna **Source** e **Target**.

Primeiro criamos uma folha de Excel com 3 colunas: **Source**, **Target** e **TM**

Nas duas primeiras vamos colar o texto das colunas respectivas do ficheiro de Idiom – seleccionamos tudo e, depois, com um simples *copy/paste* passamos para o nosso novo documento de Excel.

Na terceira coluna é onde vai acontecer a magia. Aqui vamos usar a função **CONCATENAR**, com a sintaxe que se segue:

=CONCATENAR("{0>";A2;"<}100{>";B2;"<0}")

Parece difícil, mas não é! O que a função faz é extremamente simples: junta o conteúdo da célula A2 ao conteúdo da célula B2. Ao conteúdo de A2 precede a cadeia de caracteres {0>, e sucede <}100{>, depois vem o conteúdo da célula B2 e finalmente a cadeia de caracteres <0}.

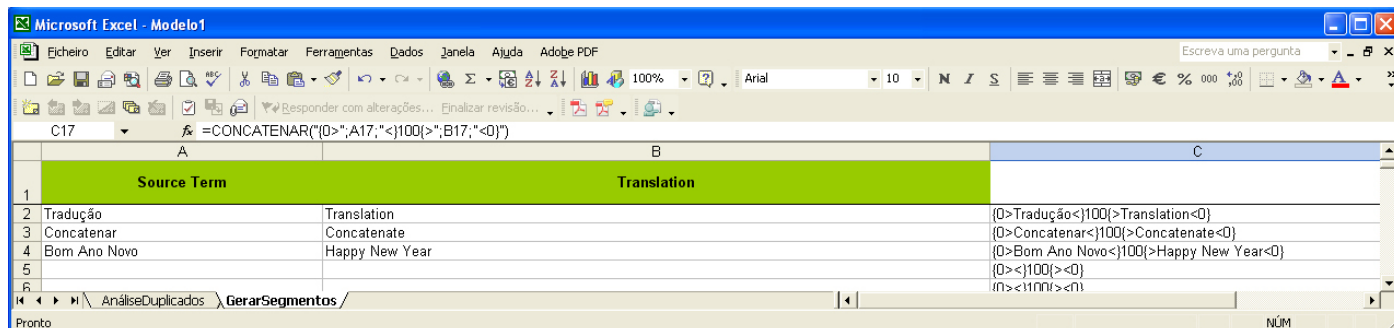
Confuso? Vendo o resultado não é: {0>Tradução<}100{>Translation<0}.

O resultado é, nem mais, nem menos, um perfeito segmento pronto para ser colocado numa TM.

Para obtermos, de forma simples, um ficheiro unclean pronto para um *clean-up*, basta copiarmos a terceira coluna para um ficheiro .rtf, e está pronto. Construímos, em menos de um minuto, uma TM de referência.

Juntar as “peças”, afinal, é fácil.

Feliz 2010!



To concatenate is synonymous with a precious aid for whomever wants to join different sets of characters in a swift manner.

This description may seem strange, but if we think about practical situations in which it would be useful to join, for example, blocks of text, we start to see something that could be very beneficial.

In this edition of our magazine we shall speak about an Excel function that, for those who do not know it, will reveal itself as an extremely useful function: Concatenate.

What does it do? It is simple, as the name suggests: it joins up. And what use is this to the translator? That's simple too. It helps the translator to be agile, supplying him with tools that allow him to build references without effort or wasting time.

As an example we use a document that is supplied in Idiom (or it could also be in Excel) where we have a Source and a Target column.

First, we created an Excel spreadsheet with three columns: Source, Target and TM.

In the first two columns we will place the text of the respective columns in the Idiom file. We select all and then do a simple *copy/paste* to transport it to our new Excel document.

The third column is where the magic will happen. Here we will use the **CONCATENATE** function, with the following syntax:

=CONCATENATE("{0>";A2;"<}100{>";B2;"<0}")

It looks difficult but it isn't! What the function does is extremely simple: it joins the content of cell A2 to the content of cell B2. The A2 content is preceded by the characters {0>, and followed by <}100{>, then comes the content of cell B2 and finally the character string <0}.

Confused? Looking at this result you won't be: {0>Tradução<}100{>Translation<0}.

The result is nothing more nothing less than a perfect segment ready to place in a TM.

To opt in a simple way for an unclean file ready for a *clean-up*, we need only copy the third column to a .rtf file, and hey presto. We have built, in less than a minute, a reference TM.

Joining up the “pieces”, in the end, is easy.

Have a Happy New Year! ■

Micro Audio Waves

Os micro audio waves são assumidamente um projecto de música electrónica.

Lançado em Novembro passado em cd + dvd, o Zoetrope mostra bem o que eles são capazes de fazer em palco.

Os micro audio waves surgiram da paixão de C.Morg e Flak pela electrónica experimental. Cláudia Efe começou por ter uma discreta participação no primeiro álbum, de 2002, passando a elemento nuclear a partir do segundo, No Waves, em 2004, que contou também com a participação de Francisco Rebelo, no baixo. Foi este disco que levou os MAW, por exemplo, ao Festival Sónar e aos ouvidos de John Peel, o célebre profissional da BBC Radio 1.

Em 2007, consolidaram os conhecimentos adquiridos no excelente álbum Odd Size Baggage, com temas mais próximos do formato canção pop.

Zoetrope é o espectáculo que os micro audio waves apresentaram durante o ano de 2009, em colaboração com o coreógrafo Rui Horta, responsável pela concepção cénica, direcção artística, desenho de luz e multimédia.

Para ouvir algo de diferente, dentro de

sonoridades familiares, os MAW são uma boa aposta.

Micro Audio Waves is definitively an electronic band.

Released last November on CD + DVD, Zoetrope is a perfectly good example of what they can do on stage.

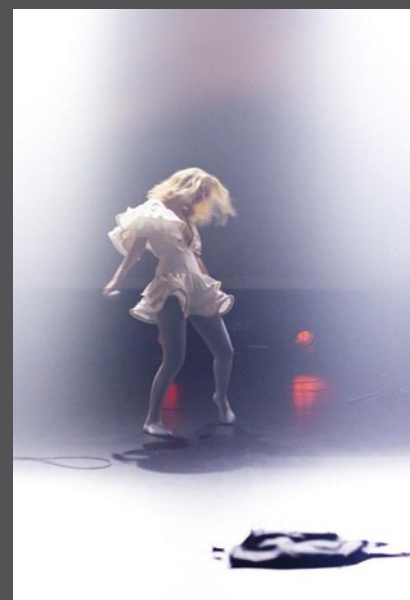
Micro Audio Waves came to being thanks to a passion for electronic music of musicians C.Morg and Flak. The singer Cláudia Efe initially collaborated in discreet fashion on the first album, back in 2002, before becoming the foremost band member after the second album, No Waves, from 2004 onwards. This album also includes the work of bassist Francisco Rebelo. It was No Waves that took MAW, for instance, to the Festival Sónar and brought them to the notice of John Peel, the famous BBC Radio 1 DJ.

In 2007, Micro Audio Waves made the most out of their acquired baggage on the excellent Odd Size Baggage, this time around with tracks closer to the conventional pop song.

Zoetrope is the show Micro Audio Waves put together throughout 2009, in close



Fernando Nogueira



collaboration with choreographer Rui Horta, who is responsible for the sceneries, artistic production and light and media design. For something different, yet somehow quite familiar, Micro Audio Waves is a good bet. ■

Tebas

Tebas, realizado por Rodrigo Areias, é um dos bons exemplos do novo cinema português.

Tebas pode ser visto uma adaptação da tragédia clássica de Sófocles, Rei Édipo, com um piscar de olhos a Jack Kerouac. Partindo da perda de identidade de uma segunda geração de emigrantes portugueses, Tebas conta a história de um jovem que em busca das suas origens parte de Paris em direcção a Portugal com um camionista beatnik. E mergulha nas profundezas de Tebas num road-movie surrealista, em que sonho, imaginação e realidade se confundem a cada passo.

Rodrigo Areias tem desenvolvido ao longo da sua carreira, trabalhos criativos na área de cinema de autor, alternando com outros trabalhos em domínios de vídeo-arte e vídeo clips para alguns dos melhores nomes da cena rock nacional (The Legendary Tiger Man, Wraygunn, D3o, etc.) e diversos outros projectos.

Tebas, directed by Rodrigo Areias, is a good example of the work being done by the new

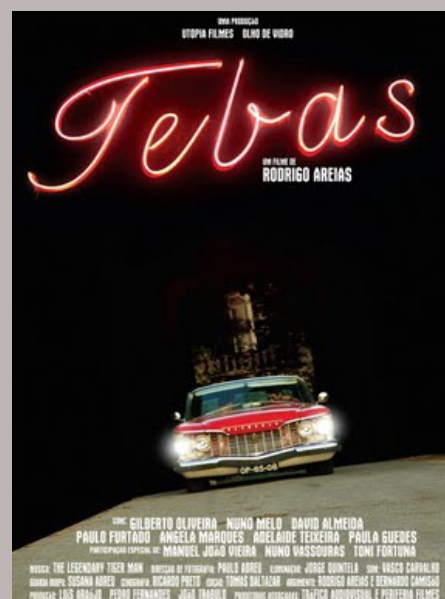
wave of Portuguese film directors.

Tebas can be seen as a free adaptation of Sophocles' classical tragedy, *Oedipus The King*, entwined with a touch of Jack Kerouac. Starting with an approach to the loss of identity of Portuguese second generation emigrants, Tebas tells the tale of a young man who, in order to find his own origins, leaves Paris for Portugal with a beatnik truck driver. He dives into the deepness of Tebas in a surrealist road-movie, where the dream, the imagination and reality cannot be clearly separated.

Throughout his career, Rodrigo Areias has developed several creative Works in his chosen cinema field, together with art-video and music video work for some of the greatest rock bands of the Portuguese scene, such as The Legendary Tiger Man, Wraygunn, D3o, among others, along with numerous further projects. ■



Manuel Aguiar



BARI – em pose de guarda a São Nicolau...

BARI – posing as guardians of Saint Nicholas...



Margarida Fonseca e Silva

Ao contrário do que poderão dizer aqueles que têm por arriscada profissão ser correspondentes de guerra, não conto, entre as minhas viagens, muitas recordações onde as armas apontadas a quem chega, ou a quem passa, sejam inusitado aceno de “boas-vindas”...

Depois do Egipto, onde guardas bem armados cercavam os acessos às Pirâmides, colocavam na mira cada avião que aterrava em Abu-Simbel e até mesmo nos acompanhavam dentro dos autocarros de turismo, para, como observava então o nosso bem-humorado guia egípcio, serem provavelmente os primeiros a fugir em caso de “ataque”... só em Bari me foi dado presenciar idêntico cartão de hospitalidade.

Algures entre os Apeninos e o Adriático, no tacão da bota que o perfil do território italiano nos sugere, na região da Apúlia, conhecida por suas belas e ricas mulheres, mais precisamente, na cidade de Bari, fui encontrar – involuntariamente, diga-se de passagem, bem-aventurada iconoclasta que sou – a mais recente morada de São Nicolau (este mesmo, em memória de quem as famílias gastam nesta quadra os seus subsídios de Natal...).

Trata-se da Basílica de São Nicolau, onde jazem hoje os eventuais restos mortais do celebrado santo, oriundo de terras da Lycia, no sudoeste da Ásia Menor, onde terá nascido algures entre o século III e IV, antes de se tornar bispo de Mira, na actual Turquia. As atribuições do santo parecem ter-se prolongado para além da sua morte. Enterrado na cidade turca de Mira, aí terá permanecido até à ocupação do território pelos muçulmanos, quando Bari e Veneza, que então rivalizavam pelo domínio do Adriático, entraram em disputa para se assenhorearem dos seus restos mortais. Em 9 de Maio de 1087, uma expedição com três navios terá partido de Bari em direcção a Mira, apossando-se assim das relíquias de São Nicolau.

A história de Bari, capital da Apúlia e segunda metrópole do sul da Itália, depois de Nápoles, parece perder-se na névoa dos tempos. De fonte certa, sabe-se que foi conquistada pelos Romanos no século III antes da era cristã, e que, após a queda do Império Romano, foi invadida, tomada e retomada por variados povos, entre Bárbaros, Godos, Bizantinos, Muçulmanos

e Normandos, até à sua integração, primeiro no reino da Sicília, depois no de Nápoles e, finalmente, em Itália, em 1861.

São inúmeros os vestígios deste caldo de culturas, que permanecem um pouco por toda a região da Apúlia, como o “trullo” – característica habitação rural de forma cilíndrica e telhado cónico, construído em pedra calcária.

O Castelo de Bari é, certamente, um dos mais belos testemunhos da sua história. Construído aproximadamente em 1240, símbolo da mescla de artistas e estudiosos de todas raças e nacionalidades que Frederico II, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, hospedava na sua corte, o castelo ficou abandonado durante séculos até 1876, quando despertou a curiosidade de especialistas de história da arte e de astronomia, de cientistas e arquitectos, que ainda hoje se surpreendem com a perfeição de uma estrutura matematicamente imperfeita: não há um só lado do pátio octogonal interno que seja igual a outro, mas o conjunto arquitectónico é de grande harmonia e beleza. Bari, que ostenta no seu traçado um reticulado de origem romana, deve o seu desenvolvimento

ao porto que a tornou importante local de trocas com o vizinho Oriente e que, hoje, abriga também os cruzeiros turísticos que serpenteiam pelo Adriático entre Veneza e as ilhas gregas, passando por Dubrovnik, nos Balcãs.

Curiosamente, foi em Bari que a Força Aérea dos Balcãs, durante a II Guerra Mundial, teve a sua base de apoio aos “partisans” liderados por Tito, futuro presidente da extinta Jugoslávia. E foi também durante a II Guerra Mundial que Bari pagou o amargo óbulo de primeira cidade europeia atingida pela guerra química, ao ser vítima de um ataque com gás mostarda efectuado pelos nazis alemães contra as forças aliadas estacionadas na península italiana.

Agora, ao visitarmos a cidade na nossa qualidade de inofensivos turistas, não deixamos de receber com alguma ironia o grupo de “carabinieri” de armas apontadas à Basílica de São Nicolau, declarada Património da Humanidade pela Unesco. Extintos de há muito os ecos da II Guerra Mundial, interrogamo-nos se serão os gritos que ainda ecoam nos Balcãs que acaso justificam a presença de armas numa cidade que os confronta do lado de cá do Adriático. >>>





Tranquilizemo-nos, porém. Ou antes, atualizemo-nos. No mundo dos nossos dias, as guerras são outras. E os “partisans” de agora ostentam títulos vindos duma Itália ainda mais a sul, onde o latifúndio de outrora foi cedendo lugar ao domínio dos senhores da Máfia ou da Camorra.

Do caldo de culturas que a história lhe legou, Bari conserva não apenas os seus belos monumentos, não apenas o seu dialecto entrosado na fala dos pescadores gregos com quem desde sempre comerciou, mas também – pasme-se! – uma das mais cruéis práticas que julgaríamos confinadas a mundos muçulmanos, asiáticos e africanos: a mutilação genital feminina. E aqui, permitam-me um parêntese de reflexão: é que a sanha das religiões contra as mulheres – recordemos as que, durante séculos, foram queimadas vivas nas fogueiras da Inquisição – contrasta paradoxalmente com a devoção das vítimas que são, ainda hoje, as mais das vezes, acérrimas defensoras dos seus algozes...

O sul sempre foi o “parente pobre” da Itália, olhado com comisseração e desprezo pelo norte industrializado. No calcanhar da bota, como um pouco por todo o sul, as mulheres vestidas de negro e as imagens da “santa madonna” profusamente expostas nos bairros da “città vecchia”, comungam sem pecado com os chefes da “cosa nostra” sob a mira atenta dos “carabinieri”, todos, afinal, em pose de guarda a São Nicolau...

In contrast to those brave professionals who choose the occupation of war correspondents, I do not have in my travel recollections many

memories of weapons being pointed at people arriving or passers-by, by way of a “welcome”... After Egypt, where guards armed to their teeth surrounded the Pyramids, placed in their sights each plane that landed in Abu-Simbel, even kept us company inside the tourist busses, only to be, as observed by our good-humoured Egyptian guide, probably the first to flee in the event of an “attack”, only in Bari was I greeted with an identical welcome. Somewhere between the Apennines and the Adriatic, on the heel of the boot that outlines Italy, one comes across the region of Apulia, known for its beautiful and rich women, more precisely in the city of Bari. There I found – involuntarily, it has to be said, the adventurous iconoclast that I am – the most recent address of Saint Nicholas (the very same, in memory of whom families spend their Christmas bonuses).

I am talking about the Saint Nicholas Basilica, which today houses the possible mortal remains of the celebrated saint, hailing from the lands of Lycia, in southwest Asia Minor, where he was born somewhere between the 3rd and 4th centuries AD, before becoming the bishop of Mira, in what is today Turkey. The tribulations of the saint seem to have prolonged beyond his death. Buried in the Turkish city of Mira, he remained there until the occupation of the territory by the Moslems, when Bari and Venice, which at the time were rivalling each other for the domination of the Adriatic, entered into a dispute over who had the right to possession of his mortal remains. On 9 May 1087, an expedition of three ships departed from Bari destined for Mira, gaining

possession of the relics of Saint Nicholas. The history of Bari, capital of Apulia and the second metropolis of Southern Italy, after Naples, seems to be lost in the mists of time. Reliable sources state that it was conquered by the Romans in the 3rd century BC and that after the fall of the Roman Empire it was invaded, taken and retaken by various peoples, among which Barbarians, Goths, Byzantines, Moslems and Normans, until its integration, first into the kingdom of Sicily, then into the kingdom of Naples, joining Italy in 1861.

There are abundant vestiges of this jumble of cultures which remain all over the region of Apulia, such as the “trullo” – a typical rural dwelling in cylindrical form with a conical roof, built out of sandstone.

Bari Castle is certainly one of the most beautiful testaments to its history. Built in approximately 1240, it is a symbol of the mixture of artists and scholars of all races and nationalities that Frederick II, emperor of the Holy Roman Empire, accommodated in his court. The castle lay abandoned for centuries until 1876, when it aroused the interest of specialists in the history of art and astronomy, scientists and architects, who still today are left spellbound by the perfection of a mathematically imperfect structure: no one side of the internal octagonal patio is equal to any other, but the architectural whole is one of great harmony and beauty.

Bari, whose layout is based on Roman origin, owed its development to the port that made it an important place of exchange with the neighbouring East and which, today, also welcomes tourist cruisers that snake >>

through the Adriatic between Venice and the Greek islands, also taking in Dubrovnik, in the Balkans.

Curiously it was in Bari during the Second World War that the Balkan Air Force had its base supporting the “partisans” led by Tito, the future president of the extinct Yugoslavia. And it was also during World War II that Bari suffered the bitter experience of being the first European city to be hit by chemical warfare, as it fell victim to a mustard gas attack carried out by the Nazis against the allied forces stationed on the Italian peninsula.

Today, in visiting the city as inoffensive tourists, we cannot fail to observe with a degree of irony the group of “carabinieri” with guns pointed towards the Saint Nicholas Basilica, declared a World Heritage Monument by UNESCO. With the echoes of the Second World War a distant memory, we ask ourselves if it is by chance that the screams that still echo in the Balkans justify the presence of guns in a city located on the other side of the Adriatic to that until recently troubled region.

We pause for thought and are calmed, in the meantime. Or rather, we bring ourselves up to date. In today’s world other wars are fought. And today’s “partisans” carry titles that come from



an Italy more to the south, where the latifundium of a past era has given way to the domination of the Mafia or Camorra leaders.

Out of this melting pot of cultures that it inherited, Bari conserves not only its beautiful monuments, not only its dialect interspersed with the words of the Greek fishermen that it always traded with, but also – I was amazed to find out – one of the cruellest practices that we thought was confined to the Moslem, Asian and African worlds: female genital mutilation. And here, allow me a reflective aside: the ire of the religions against women – one need only recall that for centuries they were burned alive on the flaming pyres of the Inquisition – contrasts paradoxically with the devotion of the victims that are, still today, fierce advocates of their torturers...

The south has always been the “black sheep” of Italy, looked at with commiseration and disrespect by the industrialised north. In the heel of the boot, as in most of the south, the women dressed in black and the images of the “santa madonna” profusely displayed in the neighbourhoods of the “città vecchia”, mingle without sin with the bosses of the “cosa nostra” under the watchful eye of the “carabinieri”, all at the end of the day posing as guardians of Saint Nicholas... ■





magazinephilos

Votos de um Feliz 2010. Voltamos em Março.
Have a Happy 2010. We will be back in March.

